

DESTAQUES

Qual é o papel hoje do C. A. de Direito? Luana Lima procura uma resposta. Cristiano também manda uma mensagem de protesto ao Depto. de Filosofia.

INTER AÇÃO

ORGANIZAÇÃO

**Alex Galvão Silva
Gadafy de M. Zeidam
Henrique de Barros
Jaqueline P. de Sousa
Pedro Lira Filho
Rafael Falcão
Susana Sousa
Thiago Cabral
Valmária A. da Silva
Welton do N. Braz**

Política Filosofia Cultura
Uma contribuição para a formação humana

Nº 07 Ano 01 Data 02/12/02
Teresina - Piauí / UFPI-CCHL

EDITORIAL

Coordenação do Interação

“O ensino superior também tem problema”. Fiquei surpreso ao ouvir isso há uns 10 anos atrás de um professor, que lecionava em uma escola pública além da minha. E acho que ele falava disso porque ainda era aluno aqui da UFPI. Confesso: fiquei surpreso porque, mesmo tendo como estereótipo a má prestação de serviço dentro da esfera pública, pensava eu na vivência da minha ingenuidade que pelo menos ao ensino superior [acho até que pelo nome mesmo - superior!] o governo dedicava uma política mais substancial.

Crasso engano. Depois de alguns anos, sendo estudante de uma instituição pública, como é a Universidade Federal do Piauí, posso afirmar com a devida propriedade, que aqui não há problema, mas problemas. Poderíamos aqui, inclusive no passo do movimento estudantil, indicar uma série deles. Mas vou me dedicar a somente dois: um é o repasse e a gerência de recursos no ensino público; e o outro é a questão do ensino-aprendizagem sob a ótica do corpo docente.

Quanto ao primeiro aspecto, sabemos nós, estudantes, que os investimentos em educação no Brasil nem sempre (ou nunca?) foram prioridade. E isso ficou bastante evidente após essa gestão do Ilmo. Min. da Educação Paulo Renato Souza. Viu-se que ele até que tentou melhorar a imagem do país que historicamente sempre teve uma taxa de analfabetismo alta. Entretanto, no que tange ao ensino superior, a presença do governo federal foi bastante tímida, para não se dizer que foi omissão. E quando se ouve do presidente Fernando Henrique Cardoso, em recente entrevista, que o saldo na educação [superior] depois do seu governo foi positivo, nós estudantes das instituições públicas ficamos perplexos, porque vivemos em uma realidade bem distante daquela descrita pelo Presidente da República. Ainda bem que depois ele corrigiu que os avanços foram bem mais notáveis na esfera privada. Então, pergunta-se qual é o verdadeiro papel do Governo Federal: prover os jovens de educação pública e gratuita ou incentivar a instalação de ‘fábricas de estudantes’ [ou simplesmente instituições privadas]. Não precisamos ir longe. Basta olhar o quanto de faculdades privadas foram instaladas aqui no Piauí, em menos de 8 anos. Parece até coincidência, porque enquanto o nosso governador Hugo Napoleão foi Ministro da Educação não conseguiu tal feito. Outra coincidência: o nosso Min. Paulo Renato já foi reitor de uma das maiores universidades privadas do Brasil. Será que não há aqui uma ligação ao menos duvidosa?

Não que o papel do Interação seja sacrificar o espírito de Adam Smith, o pai do liberalismo, ou em outras palavras da livre iniciativa, mas nos restringimos a cobrar pelo menos o que seria de bom alvitre: o incentivo não só ao ensino, mas à pesquisa e à extensão.

Em relação ao segundo problema, e pela sua presença mais próxima dos alunos, a nossa exposição será mais econômica. Primeiro, o impacto: o aluno oriundo do ensino médio chega à Universidade pelo famigerado vestibular, e sente o choque no tocante à metodologia do ensino. Antes de indicar problemas, porque para tal exigir-se-á uma generalização não autorizada, além de serem eles pontuais em alguns departamentos, e especialmente em alguns professores, vamos restringir o nosso exercício aqui em isoladamente citar exemplificativamente alguns deles. Por exemplo, nós alunos já tivemos vários tipos de professores, mas aqueles que para fugir das famosas aulas expositivas utilizam como estratégia a leitura dinâmica serão inesquecíveis. Deve-se contar ainda que há uma estratégia, creio ainda menos eficaz, apesar de se revestir de toda uma ideologia de integração e de participação, que não passa mesmo da aparência, porque qualquer avaliação racional e mais detida retiraria esses seus [pseudo]méritos. É o seminário. O professor acha mesmo que alunos sem nenhum preparo pedagógico poderão repassar aos colegas, um assunto em geral que nem mesmo eles conhecem. Sem contar que essas atividades são geralmente em grupo, o que facilita a divisão das tarefas, ou melhor dos conteúdos. Lembro agora até de uma estratégia de um determinado grupo que contava as páginas, e numa ‘esplendorosa’ atividade igualitária e democrática dividia equitativamente entre os integrantes do grupo. Se é questionada a validade das famosas avaliações subjetivas, qual será, portanto, o critério para considerar eficiente tal método que leva o aluno a memorizar temporariamente ‘a sua parte’, e desconsiderar na maior parte das vezes a apresentação dos outros grupos. O argumento para o desinteresse é a já mencionada falta de preparo pedagógico dos alunos, e o próprio egoísmo, posto que para sua nota, ele só precisa da sua apresentação, esquencendo que os outros conteúdos também fazem parte do seu currículo escolar. E por falar em avaliação [desconsiderando pelo momento, que é limitado, a sua metodologia] perguntamos somente pelo critério do professor na hora da correção, que ora parece ser pelo sobrenome, ora pela quantidade de palavras, ora por um

interesse escuso qualquer, mas a ‘ora’ mais difícil é a impessoalidade e a objetividade. A felicidade desse modesto estudante é encontrar professores que reconhecem não possuir a razão, agindo o mais eticamente possível não só na avaliação como na sua correção, onde o aluno tem vez e voz podendo expor suas idéias, e quando bem fundamentadas são até elogiadas pelo professor, mesmo que ele fosse adepto de outra corrente doutrinária.

Os nossos questionamentos já passam da conta e já são suficientes para uma reflexão bastante profunda. Tomara que essa reflexão também se expresse através de atitudes, ao menos em atitudes escritas, já que seria também válido qualquer questionamento que venha a surgir não só dos alunos quanto dos professores. O Interação é um espaço aberto e o diálogo é o nosso lema. Esperamos pelo seu comentário, crítica ou sugestão.

ARTIGOS

C.A. DE DIREITO: HÁ OU NÃO HÁ?

Luana Lima Duarte - Estudante de Letras e Direito (UFPI)

Sem nenhuma menção direta a alguma gestão do Centro Acadêmico de Direito dos últimos períodos, uma característica tem sido a tônica no papel que o C.A, ao longo dos últimos anos, vem desempenhando na representação dos interesses dos acadêmicos do curso de Direito: marasmo, ou em outros termos, indiferença, características que saltam aos olhos, sobretudo, daqueles que chegaram a conhecer e mesmo vivenciar postura diversa naquele espaço acadêmico em outros tempos, do que se nos afigura hoje.

Lembro-me bem que, desde os meus primeiros períodos no Curso de Direito (atualmente curso o 5º), o Prof. Joaquim Bezerra, chefe do Departamento de Ciências Jurídicas, com seu usual bom humor, e com autoridade conferida pela vasta convivência com as mais diversas gerações de estudantes do curso, se referia ao Centro Acadêmico de Direito como ‘C. NÃO HÁ’, trocadilho que a sigla representativa C. A. de Direito dá azo. Vindo do nosso bem humorado professor, a cada vez que ele assim se referia ao Centro Acadêmico, de imediato vinham à tona os risos dos ouvintes, sem que tal reação obstasse uma reflexão mais apurada sobre a expressão ouvida. Quando assim o professor se referia, o que fazia em diversos períodos, não quis ele (como também não é minha intenção) apontar defeitos de uma ou outra gestão, mas talvez, com sua forma divertida de nos falar, suscitar em nós estudantes do curso de Direito uma posição crítica, que ensinasse, quem sabe, uma tomada de posição rumo à mudança da postura que o C. A. de Direito tem assumido nos últimos anos, que não condiz com a essência da função de um Centro Acadêmico.

Há por traz dessa dicotomia em relação ao papel do C.A, passado-atuante / presente-indiferente, um fator mais genérico, não diretamente relacionado a posturas específicas dos representantes estudantis, a saber, uma mudança de interesses dos alunos quanto às possibilidades que a vivência no espaço acadêmico oferece, justificada por uma mutação mais genérica ainda, agora fora do âmbito estudantil: como podemos apontar em nossa tradição política, a formação dos juristas de outrora era canalizada para a atuação política, enquanto gradualmente subverte-se essa orientação, no presente voltando-se a formação jurídica para o preenchimento de cargos técnico-burocratas.

Dessa forma, nós estudantes, atentos às possibilidades de exercício dos conhecimentos adquiridos no curso de Direito, no âmbito profissional, parecemos limitar-nos a aspirar do espaço acadêmico somente o conhecimento técnico para logarmos êxito em concursos públicos e outras atividades que possam ser desenvolvidas por um bom jurista. Se outrora reconhecia-se na formação jurídica um escopo político, eram os C.A de Direito um ótimo ‘ensaio’ para os estudantes que reconheciam em si interesses e aptidões para a atuação política. Se esse interesse político não se faz mais latente, podemos dizer que não ‘há o C.A.’? Se o C.A de Direito não serve mais de arena para o ensaio estudantil, qual a razão de se dizer que ‘há o C.A.’ de Direito?

O que uma perspectiva atual nos mostra é que, sendo o C.A o órgão de representação dos interesses dos estudantes, o fundamento de sua atuação é tão somente limitado pela abrangência dos interesses dos mesmos. Se não há interesses a serem representados, ou melhor, se esses interesses são tão difusos que não se fazem conhecer pelo órgão de representação estudantil, o Centro acadêmico atuará pautado nessa ausência ou superficialidade de interesse, já que a maioria dos alunos representados não está muito atenta à atuação do seu órgão de representação, não exercendo nenhuma forma de controle sobre o

mesmo. A importância do Centro acadêmico, como enxerto democrático no âmbito estudantil, não tem sido devidamente reconhecida pelos estudantes de Direito em geral, estendendo-se o descaso em relação à essência da função desse órgão de representação estudantil desde a eleição dos seus componentes até a ausência de fiscalização sobre as atividades do mesmo, dando assim, espaço para que interesses particulares venham a ditar as diretrizes da atividade de representação estudantil, provocando distorções que só serão sanadas com um engajamento real de cada um de nós estudantes.

OS PATACOS QUE ME PERDOEM, MAS PRODUIR É VITAL

Cristiano da Vanuza - Filósofo e Poeta

Enquanto a banda passa chamando os foliões, estes, é bom lembrar, poderiam dar sugestões de novos ritmos e batidas, ficam só a olhar.

Amarrados em músicas tocadas em épocas que não pertencem ao seu contexto ou que a história rica em vicissitudes tratou de apagar, há pessoas que não dão a mínima pro mundão lá fora. Enquanto isso, outros estão vivendo e não são notados de perto - por isso acabam destruindo tudo.

Nas universidades, em particular nas públicas, em particular na UFPI, em particular na Faculdade de Filosofia, os alunos são encorajados a desenterrar cadáveres (e a banda passando!).

Até parece que nossos professores, doutores e mestres sentem-se atraídos a não trazer para dentro da sala de aula assuntos que ocorrem aí no cotidiano dos facultantes. Já ouvi de um colega de infortúnio a seguinte fala: "Sim, mas eu quero saber onde é que vou usar isso em minha vida?!". Colocações iguais e esta revelam uma angústia terrível, um medo de não encontrar nexos entre o que se aprende aqui e a vida.

Claro, há professores como Aléxis, Pr. Amadeu, Rosângela, Napoleão, só para citar alguns, que não se grudam somente nos mortos, que podem até ter sido relevantes, mas para o seu contexto temporal e histórico. Professores como os supracitados estão constantemente trazendo para dentro da sala de aula assuntos do nosso TEMPO, de nossa GENTE, daquilo que está a tocar a banda. Diametralmente há outros, em número bem mais lato, infelizmente, que preferem estar amarrados aos mortos, e o que é mais horrendo é a vontade destes em engrossar a fila segurando os alunos.

Tais professores por medo de sei lá o que não permitem uma filosofia prática ou a prática, porquanto ou nunca, ou raramente surgir uma digressão com estes que a vêem como falta de compromisso à disciplina por eles ministrada naquele período. Enquanto isso, caros leitores, a banda passa e não somos estimulados por estes a perguntar se o que ela toca é o que queremos ouvir! Pelo contrário, qual zumbis sem vontade ao real somos desmotivados a viver no presente e motivados a um passado com pessoas que se de fato escreveram algo, ou se de fato existiram, não foram pensando, por exemplo, no Brasil de hoje, mas em seu próprio tempo, em sua própria classe, em seu próprio momento histórico.

Estes professores, que podem até ser inteligentes, mas por si mesmos, infelizmente não conclamam os alunos a discussões acerca de temas atuais como a clonagem humana, a vitória do Inácio; antes nos rebaixam proferindo que para tal é necessário entender de engenharia genética ou da conjuntura político-socio-econômica. Preferem dar privilégio (ao quadrado, é bom que se diga) ao lado histórico, sufocando qualquer tentativa dos alunos ao debate do mundo real.

Há um pergunta que não se cala: Será que estão mortos e enterrados da mesma forma que seus venerados defuntos?

Que Deus nos permita não sairmos daqui reproduzindo estes professores malvados, mas sim aqueles destemidos e atrevidos no real.

Aos estudantes de Filosofia em conselho, se me permitem, sejamos nossa própria sombra. Porquanto há uma Filosofia ansiosa por acontecer, pedindo, clamando até, para que nós não nos amparemos somente na já feita. Caso oposto, outros andarão pra frente fazendo história e retrocederemos, e mais e mais ergeremos a fâmula com a mensagem: NÃO HÁ FILÓSOFOS BRASILEIROS, ou então outra: A UFPI NÃO FAZ FILÓSOFOS, ANTES PRODUZ PAPAGAIOS PATACOS IGUAL AO PATACO, PAPAGAIO DO DAVID.

MELHORE-SE E PUBLIQUE-SE

Raphael Romero Barbosa - Engenheiro civil, Estudante de Direito [UFPI], Poeta amador e Web Designer

O editorial do Interação nº 6 pedia mais participação dos leitores. Não sei se a equipe do jornal vai ficar feliz, mas eu tenho um exemplar com o qual o leitor "interagiu": escreveu comentários, riscou, desenhou, usou até termos chulos. Por fim, jogou o jornal no chão.

1972, na calada da noite pichadores escrevem nos muros o que não pode ser dito durante o dia. Trinta anos depois, a expressão é livre mas, para usar uma expressão já batida, toda liberdade exige responsabilidade. Responsabilidade que nem todos estão dispostos a ter. A pichação, o apedrejamento, o grito anônimo - outrora única arma da democracia - se tornou o recurso dos covardes.

Interagir com o jornal, falar o que se pensa, criticar uma matéria, etc, são atitudes fáceis. Fale com alguém da equipe, mande um e-mail (interacao.ufpi@ig.com.br).

Se todo o seu interesse no jornal é rabiscá-lo, criticar anonimamente e, por fim, jogá-lo no lixo sem dar-se ao menos o trabalho de apreciá-lo, é bom que procure saber o tamanho da esforço da equipe do Interação, que consegue, semanalmente, mesmo com as atividades acadêmicas, mesmo sem possuir uma gráfica própria, colocar um jornal à disposição da comunidade.

(parodiando-se o "publique-se e cumpra-se") Melhore-se e publique-se

CULTURA E LAZER



Henrique de Barros, Rafael Falcão e Welton Braz

Cinema

Cine Teresina * 1. O Pequeno Stuart Little II - Animação 1.1 Fixação - Drama [Com Jesse Bradford e Erika Christensen] 2. Doce Lar - Suspense [Com Reese Witherspoon e Josh Lucas] 3. Harry Potter e a Câmara Secreta - Aventura [Com Daniel Radcliffe e Emma Watson]

Cine Riverside * 1. Scooby Doo - Comédia [Com Freddie Prinze Jr. e Sarah Michelle Gellar] 1.1 Dívida de sangue - Policial [Com Clint Eastwood e Jeff Daniels] 2. A bela e a fera - Animação 3. Casamento grego - Comédia [Com Nia Vardalos e John Corbett]

Teatro

* Dois perdidos em uma noite suja. Dia 9 de dezembro, às 21h, no Teatro 4 de setembro.

* Espetáculo "Nativus". Dia 6 de dezembro, às 20h, no Teatro 4 de setembro. Direção Luzia Amélia.

Livro

* É recomendada a leitura da obra Tempo de Matar. Nela o autor John Grisham tratou de temas superinteressantes como assassinato, justiça com as próprias mãos, dentre outros. A sinopse do livro é: "Dois homens brancos espancam e violentam uma menina negra de dez anos, numa pequena cidade ao sul dos Estados Unidos. A população da cidade - Clanton, no Mississippi -, apesar da significativa maioria branca, reage com choque e horror ao crime desumano. Mas o drama da menina Tonya e de sua família não pára por aí. Ele ganha dimensão nacional a partir do momento em que o pai da menina consegue um fuzil emprestado, relembra seus tempos no Vietnã e mata os estupradores. A opinião pública se divide e o jovem advogado, Jack Brigance, que assume a defesa, terá que enfrentar toda sorte de perseguições, principalmente por parte da violenta Klu Klux Klan". Este livro está disponível na Biblioteca Central da UFPI. É uma outra sugestão é depois assistir ao filme inspirado na obra.

IPSIS LITTERIS

Compilação por Pedro Alves Lira Filho

SPLEEN, MÁSCARAS E ALGUNS FANTASMAS

I

Somes, sorves a sádica soberba
Que se derrama em lenços meus e choras
As lágrimas de um sol gritando auroras.
Somes, sepultas salmos são e céticos,
Tornas-te sombra e som, agudo aroma,
E me consumes! Tu não me aprisionas
Senão dentro em teu pântano de estéticos
Pilares nus. Somos esterco fétido
Que faz florirem rosas de agonia...
Somes, e fazes ir contigo o tédio
E, junto ao tédio, este eu que reptília
E se arrasta em paredes de ouro e incêndio.
Somes, e fazes bem, deves sumir:
Não há destino e o que não há não mente.

Este é Lucas Villa, estudante de direito do 5º período da UFPI e integrante da banda Morbídia, com uma poesia de imagens fortes, sinestésias e prosopopéias como almas dos homens que se procuram em seus conflitos. Por que as rosas surgem do "esterco fétido"? Por que tais flores (nos) agonizam? Tampemos nossos narizes, pois o odor envolve mais que o eu lírico e as respostas são claras, mas muitos não as querem enxergar e seguem seu destino.

ARTIVIDADES

Produção Artística por Thiago Cabral

Todo ano é assim,
pra segurar a economia
vou ter que rebolar, que rebolar...

